



MEMÓRIA DE BRASÍLIA: livros de pioneiros e de funcionários da Novacap

História e Historiografia da Arquitetura e do Urbanismos Modernos no Brasil

Luiz Gustavo Sobral Fernandes

ETSAB / Escola Tècnica Superior d'Arquitectura de Barcelona

Universidade Politècnica da Catalunha

luiz.gustavo.fernandes@usp.br

Resumo:

Para além dos livros 'oficiais' de história da arquitetura, é certo que Brasília desponta como um objeto amplamente narrado em livros de relatos, ou seja, trabalhos de pessoas que dedicaram seu tempo e parte de suas vidas para a confecção de um livro onde é apresentado sua versão pessoal dos acontecimentos iniciais da Capital. Este artigo busca aprofundar os debates sobre esses trabalhos, os apresentando em conjunto. Foi decidida a apresentação de dois recortes – dentre vasta bibliografia com este perfil. O primeiro deles diz respeito aos homens da Novacap, funcionários públicos que atuaram ativamente na construção da cidade de Brasília. Em um outro plano temos as narrativas dos pioneiros, pessoas 'anônimas' que participaram do empreendimento da construção da cidade com muito entusiasmo. O texto busca apresentar maior compreensão deste tipo de versão historiográfica, adentrando com maior precisão em descobertas sobre os significados públicos e privados que se desdobram a partir da construção da nova cidade.

Palavras-chave: Brasília; História e historiografia da arquitetura; arquitetura moderna no Brasil; Juscelino Kubitschek; Lucio Costa e Oscar Niemeyer.

Abstract: In addition to the 'official' books on the history of architecture, it is certain that Brasilia emerges as an object widely narrated in books of accounts, that is, works of people who dedicated their time and part of their lives to the making of a book where it is presented his personal version of the initial events of the Capital. This article seeks to deepen the debates about these works, presenting them together. It was decided to present two clippings - from a vast bibliography with this profile. The first of these concerns the men of Novacap, civil servants who acted actively in the construction of the city of Brasília. In another plan we have the narratives of the pioneers, 'anonymous' people who participated in the construction of the city with great enthusiasm. The text seeks to present a greater understanding of this type of historiographical version, entering with more precision in discoveries about the public and private meanings that unfold from the construction of the new city.

Keywords: Brasilia; History and historiography of architecture; modern architecture in Brazil; Juscelino Kubitschek; Lucio Costa and Oscar Niemeyer.



MEMÓRIA DE BRASÍLIA: livros de pioneiros e de funcionários da Novacap

A inauguração de Brasília se deu no dia 21 de abril de 1960. Às 9h30 da manhã, no Salão dos Despachos do Palácio do Planalto, o então presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira declara, cercado de ministros, políticos e aliados, a finalização de sua maior aventura política. Nos livros de fotografia sobre a nova capital encontram-se, de forma recorrente, registros desse momento chave da carreira política de JK, do PSD e da história brasileira recente: a cidade nova, ainda com registros de obra recém-finalizada, com seus edifícios recém pintados, marcados por jardins gramados certamente às pressas, com ruas de asfalto recente e com brasileiros e brasileiras espalhados pelos espaços livres do eixo monumental. É um fato e uma constatação que algumas várias pessoas presentes nessa cerimônia viriam a escrever livros sobre Brasília, em publicações carregadas de sentimentalismo e afetividade. Homens públicos, presentes na ocasião ao lado de JK e que viram a inauguração de dentro do Palácio do Planalto, e anônimos, que estavam pelas ruas descobrindo a cidade recém inaugurada com ansiedade, considerando que seria ali onde teriam seus filhos e onde encontrariam a promessa de uma vida melhor, dedicaram parte de seu tempo e decidiram pela publicação de livros de memórias. São livros autobiográficos ou de fortes inclinações biográficas, redigidos por nomes responsáveis pela construção de Brasília e que apresentam, portanto, a particularidade de um relato da construção da cidade a partir do olhar de um interlocutor principal. Este artigo está estruturado a partir de uma leitura panorâmica destas publicações. Em um primeiro momento, objetiva-se apresentar um primeiro grupo de autores que são vistos como personalidades “ilustres”, ainda que não conhecidas do público em geral. São as narrativas dos técnicos, homens vinculados à Novacap e à construção de Brasília. Por último – e o mais interessante dos tópicos que estrutura o debate – são os livros de cidadãos anônimos, pessoas comuns, “homens da rua”, que declaram seu amor à cidade de JK.

Parte I / A Novacap e seus sujeitos

Três livros podem ser encontrados com facilidade nas bibliotecas universitárias brasileiras. *Brasília: história e estórias*, de Kneese de Mello, *Minha experiência em Brasília*, de Oscar Niemeyer e *História de Brasília: um sonho, uma esperança, uma realidade*, de Ernesto Silva, são publicações que apresentam a particularidade de terem sido redigidas por personalidades que participaram ativamente da construção da cidade de Brasília. Niemeyer é o arquiteto escolhido por JK para a realização dos projetos institucionais de arquitetura que deveriam compor a paisagem da nova cidade. Ernesto Silva foi um médico, oficial do Exército Brasileiro e diretor da Companhia de Urbanização da Novacap entre os anos de 1956 e 1961. Também fez parte, como secretário, da comissão de localização da nova capital do Brasil entre os anos de 1953 e 1955 e foi o responsável pela assinatura do edital do concurso que selecionou o plano piloto de autoria de Lucio Costa. Eduardo Kneese de Mello, arquiteto autor de uma série de projetos residenciais e institucionais, foi professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP e um profissional militante nas instituições de classe. Esses autores escreveram trabalhos que valem ser comentados em um único tópico de discussão.

Ernesto Silva e Kneese de Mello, declarações desenvolvimentistas

O início da década de 1970 seria marcado pela publicação do livro de Ernesto Silva (**FIGURA 1**). A publicação, finalizada em 1971 e que teve algumas reimpressões, tem significados ambíguos. De uma primeira perspectiva, é algo muito próximo de um livro de relatos – e por isso o trabalho está vinculado a este artigo. O livro de Silva é em parte vinculado a essa perspectiva: diz ser “uma homenagem sincera a uma cidade que se ama e que o autor ajudou



a construir” (SILVA, 1971) e que “o tempo, que apaga todas as pegadas, nesta cidade deixou impressa a mão dos seus construtores, a que todos nós, independentemente de opiniões, devemos o nosso respeito e a nossa admiração” (SILVA, 1971). Como um trabalho narrado em primeira pessoa, e, mesmo com alguns trechos mais interessantes, apresenta características narrativas comuns, que podem ser encontradas em outras publicações. O tom emocional do livro, uma escolha consciente de Silva, também contribui para uma dimensão interpretativa muito abstrata. Diz, por exemplo: “Mais tarde, o presidente e nós todos fomos até o Cruzeiro e depois para a Fazenda do Gama onde, em companhia da família que ali residia, tomamos um cafezinho, cercados de leitões e galinhas” (SILVA, 1971, p. 106), em um trecho em que o encarregado das obras passa a apresentar uma vivência “doméstica” de suas experiências com JK. E ainda estão presentes trechos ufanistas: “A alegria nos invadia a alma: uma nova Capital seria construída para o Brasil partindo do NADA, do absolutamente NADA. Os dirigentes da Novacap aceitaram o desafio de em três anos entregar ao Brasil uma cidade moderna, para o orgulho dos brasileiros e admiração de todo o mundo” (SILVA, 1971, p. 106). Complementando, diz: “a sorte estava lançada. Começara a grande, a estuante, a patriótica, a incomensurável batalha, cuja vitória estava marcada para dia 21 de abril de 1960. Esta foi, na realidade, a única guerra, que teve uma data prevista para terminar” (SILVA, 1971, p. 110). Ernesto Silva, como diretor da Novacap, também dará seu parecer pessoal sobre os candangos, afirmando: “Os candangos de todas as categorias cumpriram com o seu dever e deram Brasília ao Brasil, no dia marcado. Para tal, trabalhamos dia e noite, sob o sol inclemente ou as pesadas chuvas, sem descanso, sem folgas, ininterruptamente” (SILVA, 1971, p. 110).

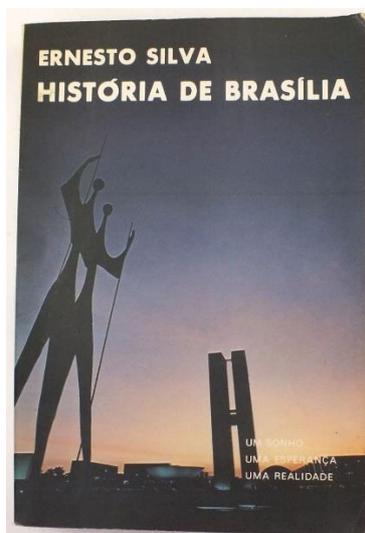


Figura 1: Capa da publicação de Ernesto Silva.

Em outro ponto de vista, o autor escreve uma publicação diferente dos feitos por outros pioneiros relatores: estes autores narram, sem referências bibliográficas ou outra menção documental, uma experiência e situações vividas na nova capital. Ernesto Silva monta um trabalho que não se limita à confecção de uma narrativa subjetiva, considerando que o autor trabalha com documentos diversos e apresenta uma sequência consistente de acontecimentos – que ele próprio vivenciou na condição de Diretor da companhia encarregada pelas obras de Brasília. São poucas as atuais pesquisas redigidas sobre a nova capital que mencionam este livro, mas seria um deslize não comentar que muito do texto existente em *Two brazilian capitals*, livro que apresenta uma inflexão na historiografia de Brasília, se



assemelha ao conteúdo presente na publicação do antigo diretor da Novacap. Norma Evenson afirma no prefácio de seu volume: “My particular gratitude goes to Ernesto Silva, former director of Novacap and president of the Historical and Geographic Institute of Brasília, who provided extensive information regarding all phases of the Brasília project as well as documents relating to the competition” (EVENSON, 1973, p. XVI). Ainda que *História de Brasília. Um sonho, uma esperança, uma realidade* não conste na bibliografia do livro de Evenson, é certo – e a declaração da autora confirma isso – que ambos entraram em contato e trocaram ideias sobre a nova capital. Afirma, portanto, ser uma pesquisa que reverberou na estrutura de outras publicações do período. Portanto, o livro de Silva teve alguma importância na construção da historiografia da cidade – mesmo não sendo o trabalho de um historiador. Também aparenta ter sido um “sucesso” de vendas, visto que o livro teve pelo menos duas reimpressões.

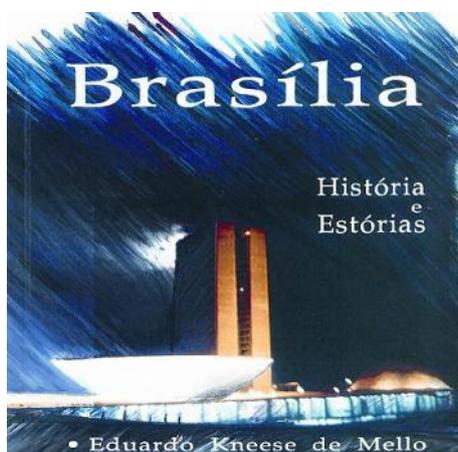


Figura 2: Capa da publicação de Eduardo Kneese de Mello.

O livro de Eduardo Kneese de Mello (**FIGURA 2**) dá sequência à conversa proposta. Publicado no ano de 1992, está dividido em duas partes. A primeira corresponde à “palestra realizada na sede do IAB SP”, datada com o ano de 1959 e que fora transcrita no início da década de 1990 para a referida publicação. Objetivava apresentar um parecer dos arquitetos via IAB que, aparentemente, até aquele momento, acompanhavam as obras de Brasília pelos meios de comunicação e que haviam se manifestado publicamente de uma maneira ainda contida. Mello inicia sua fala afirmando que “a apresentação, assim feita à nossa gente, daquilo que o Governo Federal está fazendo no Planalto Central de Goiás é uma demonstração de apoio e de aplauso a essa obra, que o Instituto de Arquitetos dá, publicamente” (MELLO, 1992, p. 2). A apresentação do arquiteto, apesar de sucinta e generalista – como é própria de um pronunciamento público –, transcorrerá e oferecerá ao leitor uma perspectiva dos acontecimentos políticos que ocorriam no Brasil. Afirma: “os arquitetos são pregadores convictos do planejamento, não admitem mais o empirismo” e que “vivemos na era do planejamento; tudo o que fazemos deve ter um 'porquê'; o porquê humano e social; o porquê técnico e artístico; o porquê econômico; o porquê estratégico; Brasília é uma cidade planejada” (MELLO, 1992, p. 2).

Após um longo histórico, que cita inúmeros artigos da constituição e uma sequência de personagens relevantes para a transferência da capital, afirma que “quando examinamos como se distribui a nossa população por esses 8,5 milhões de quilômetros quadrados, constatamos, horrorizados, que dez unidades da Federação, (...) que ocupam mais de 70%



da área total do território brasileiro, têm um índice médio de somente um habitante por km², metade do mínimo determinado em geografia humana, (dois) para que uma zona seja considerada habitada” (MELLO, 1992, p. 18). Complementa dizendo que o congresso não aprovou apenas a transferência do Palácio das Laranjeiras para o Palácio da Alvorada, mas que “autorizou a arrancada definitiva e decisiva da marcha para o Oeste; autorizou a tomada de posse de 2/3 do nosso território; autorizou a integração da Amazônia na unidade nacional; autorizou a transformação mágica do Brasil semicolonial, subdesenvolvido, litorâneo, pobre e devedor, numa potência farta e forte, independente, senhora absoluta de seus próprios destinos” (MELLO, 1992, p. 24). A declaração de Eduardo Kneese de Mello apresenta a matriz desta primeira parte da publicação, uma apologia às virtudes da transferência da capital – seguindo a lógica de desenvolvimento e povoamento do interior do país, até então subutilizado e subpovoado. O autor segue uma chave interpretativa característica de muitos outros defensores da transferência da capital naqueles anos de 1950¹, e seria interessante – principalmente para outras pesquisas – pensar nas narrativas presentes nos jornais da época sobre a nova cidade de Brasília. Finalizando esta etapa do livro, realiza uma declaração questionável para todos aqueles que se aproximariam das culturas autóctones do Brasil. Kneese de Mello diz: “Hoje continuamos a obra do Grande Rondon, que dedicou sua vida à Nação, fincando postes, percorrendo os sertões inóspitos e as divisas, apaziguando os brotos, os xavantes, os nhambiquaras, tornando-os úteis ao país” (MELLO, 1992, p. 33). Ainda que esse texto tenha sido escrito na década de 1950, é desconcertante a natureza e o posicionamento do autor. Entretanto, revela, acima de tudo, uma crença cega na técnica, no progresso e na civilização, ideologia presente em muitos dos que defenderam a construção da cidade de Brasília.

A segunda parte, denominada “Estórias”, é uma mescla da vida do arquiteto – suas opiniões, experiências e relatos – com a cidade de Brasília. Se inicia com uma história familiar: Kneese de Mello, após uma visita à Inglaterra, decide investir na criação de uma fábrica de elementos pré-fabricados para a construção civil no Brasil. Porém, como relata o arquiteto, em pouco tempo o negócio se tornaria inviável e seria obrigado a decretar falência, vindo a perder todos os bens que possuía. “Mudei-me com a família para a chácara de meu pai em Cotia. (...) Todos os dias eu vinha para a cidade no caminho do leite, até o largo de Pinheiros e ali tomava uma lotação para o centro da cidade. (...) Era essa a minha situação quando surgiu Brasília” (MELLO, 1992, p. 42). No calor dos acontecimentos que marcaram a construção da nova capital, Eduardo Kneese de Mello viria a ser – como ele mesmo recorda, em um dos períodos mais difíceis de sua vida – um arquiteto contratado da Novacap e um dos responsáveis pelo Hotel Brasília Palace. O texto sobre Brasília permanece com forte caráter apologético – Brasília não é somente um empreendimento poderoso para o país, aparece como uma esperança de emprego e mudança de vida –, ainda que ligeiramente diferente do pronunciamento realizado no final dos anos 1950. “O plano urbanístico de Brasília representa

¹ Este trecho é bastante interessante, em que o autor cita uma série de bandeirantes: “O sacrifício que estamos fazendo com a construção de Brasília tem como objetivo levar cultura e saúde a nossos irmãos do sertão; facilitar o acesso às regiões mais distantes. (...) Brasília nasceu, quando os primeiros bandeirantes penetraram na floresta. Estamos continuando a obra de Antônio Raposo Tavares, de Manuel de Campos Bicudo e Antonio Pires de Campos, de Bartholomeu Bueno da Silva, de João de Souza Azevedo, de Antonio de Almeida Prado, de João Borba Gato, de Fernando e Artur Paes de Barros, de Fernão de Paes Leme, de Manuel Preto e tantos outros. (...) Esses homens deram ao Brasil 5,5 milhões de quilômetros quadrados, mas isso não foi conseguido por um simples passe de mágica; custou-lhes sacrifícios enormes. Enfrentaram e venceram obstáculos de todos os tipos para penetrar os sertões bravios e desconhecidos, de sul a norte. Sacrificaram-se para que o Brasil viesse a ser um continente dentro da América do Sul” (MELLO, 1992, p. 32).



uma magnífica proposta urbanística que muito honra a cultura brasileira” (MELLO, 1992, p. 54) e, citando uma frase de JK, lembra que com a construção da nova cidade “acabamos de romper o último obstáculo que separava o norte do sul do país” (MELLO, 1992, p. 74). Ainda enaltece a simplicidade das figuras de Juscelino e Niemeyer, afirmando que “todos os fins de semana Juscelino Kubitschek ia a Brasília, visitava as obras e conversava com os candangos sem qualquer proteção policial. Os candangos eram seus amigos e o adoravam” (MELLO, 1992, p. 68). Sobre Niemeyer, recorda do encontro que uma jornalista teve com o arquiteto no escritório de projeto da nova cidade, e afirma que a jovem “não acreditava existir alguém tão importante e tão modesto e simples” (MELLO, 1992, p. 68), considerando que Oscar Niemeyer prontamente se dispôs a atendê-la.

Oscar Niemeyer: Experiência sob os olhos de um arquiteto do PCB

Minha experiência em Brasília (**FIGURA 3**) é o título de um livro publicado por Oscar Niemeyer, no ano de 1961. Como o arquiteto afirma no prefácio, nunca havia cogitado realizar um livro sobre a nova capital. Entretanto, ao longo da construção de Brasília fora escrevendo uma série de artigos para o esclarecimento dos trabalhos em andamento e, seguindo sugestão de amigos e dada a oportunidade editorial, decidira pela publicação de todos os manuscritos então isolados em um volume único. “Não se trata, portanto, de livro com pretensões históricas ou literárias, mas da experiência de um arquiteto que durante três anos acompanhou com amor e interesse a construção da cidade, procurando contribuir, juntamente com milhares de brasileiros, para essa obra justa e necessária” (NIEMEYER, 1961, p. 7).

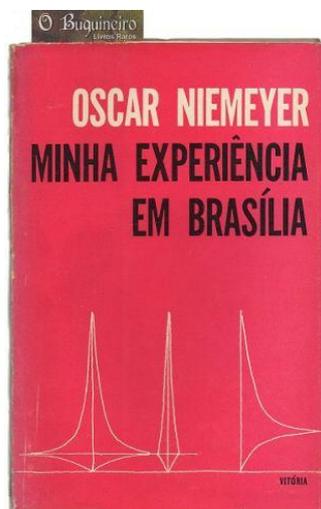


Figura 3: Capa da publicação de Oscar Niemeyer.

O texto de Niemeyer seria uma das versões narrativas da transição da década de 1950 para 1960 menos romaneadas da cidade de Brasília. Com alguns croquis e divisão de nove capítulos, o arquiteto busca apresentar as virtualidades do projeto da nova capital, da figura de Juscelino e de outros colegas. Entretanto, suas declarações também se aproximam das dificuldades de projeto e de relacionamentos pessoais e políticos que atrapalhavam o bom andamento das obras da cidade. Esta é a grande “singularidade” do texto de Oscar Niemeyer: ele analisa – com a propriedade de quem teve a oportunidade de coordenar uma obra desse



porte em um curto prazo de execução – com critério e personalidade os bastidores da construção da nova Capital.

De outra forma, podem ser identificadas tangências com outros trabalhos. A menção à figura do ex-presidente é presente na narrativa, e Oscar Niemeyer falaria de Juscelino Kubitschek com significativa carga afetiva – como seria esperado por todos, considerando a proximidade que ambos tiveram desde a construção de Pampulha. Ainda que Oscar reconheça que “raramente falei com Juscelino Kubitschek sobre política, receoso de importuná-lo com minhas opiniões de homem de esquerda, sentindo não encontrar nesse assunto a receptividade que sempre me dispensou” (NIEMEYER, 1961, p. 33), diz que JK é “homem de coragem e de fé, (...) dotado ainda das melhores qualidades de sentimento, qualidades que não lhe permitem persistir numa ação punitiva, embora justa; numa palavra dura, embora necessária; mas, apenas, nas reações de generosidade e simpatia” (NIEMEYER, 1961, p. 33). O arquiteto recordaria ainda a sensibilidade que o então presidente tinha com sua figura, lembrando que Juscelino “preocupava-se, entre outras coisas, com a minha situação econômica, pois sabia que fechara o escritório no Rio para dedicar-me exclusivamente a Brasília, percebendo um ordenado, a seu ver, irrisório” (NIEMEYER, 1961, p. 30).

Por outro lado, o texto de Oscar relata uma série de narrativas panorâmicas da construção de Brasília que são significativamente desencantadas – e aí reside a curiosidade dessa publicação, considerando que esse material é pouco conhecido e somente poderia ser apresentado pelo próprio Niemeyer. Declara que, mesmo com a realização de um concurso público que selecionou o projeto de Lucio Costa, sentiu “como é forte a competição profissional e como a muitos domina, fazendo-os desprezar amizades e compromissos, em função de uma ambição ilimitada” (NIEMEYER, 1961, p. 13). E ainda: “Ligado a um empreendimento tão vasto e complexo, tive naturalmente de manter os contatos humanos mais variados. Lidei com gente de todos os tipos, de todas as procedências, de todas as qualidades. (...) Conheci homens da melhor formação moral, homens que se entregaram a Brasília de corpo e alma, afastando, para ela colaborar, interesses pessoais de toda ordem, e outros que se caracterizavam pelo espírito aventureiro ao qual, a par de um interesse sincero pela obra, não faltava o de fazer fortuna” (NIEMEYER, 1961, p. 25). Sobre o andamento das obras e dos projetos e as relações profissionais entre membros da Novacap, diz: “Incomodavam-me, porém, pois com estes mantinha contatos de trabalho, os que não estavam profissionalmente à altura das funções que exerciam e que, não o percebendo, se faziam impertinentes pelas intervenções inoportunas e desnecessárias, sugerindo modificações nos projetos e obras em execução” (NIEMEYER, 1961, p. 26). Sobre Israel Pinheiro, diz que “é um homem de grandes qualidades e de grandes defeitos” (NIEMEYER, 1961, p. 37).

Diferentemente de outros textos do mesmo período, Niemeyer se afasta de uma narrativa “bandeirante”, ou de uma perspectiva de uma nova “marcha ao Oeste”. Entretanto, e muito possivelmente devido à sua inclinação política, seria um dos poucos narradores que destacaria o importante trabalho dos candangos na construção da cidade, lembrando sua importância e dedicação nos canteiros de Brasília. “Constrangia-nos apenas verificar que aos operários seria impraticável manter as condições de vida que o Plano Piloto fixara, situando-os, como seria justo, dentro das áreas de habitação coletiva e permitindo que ali seus filhos crescessem fraternalmente com as demais crianças de Brasília” (NIEMEYER, 1961, p. 57). Percebendo, ainda no canteiro de obras, que o Plano Piloto de Lucio Costa atenderia apenas a uma parcela privilegiada da população brasileira, Oscar comenta que a prancheta não



poderia resolver esse tipo de problema, mesmo apelando “como alguns ingênuos sugerem – para uma arquitetura social que a nada conduz sem uma base socialista” (NIEMEYER, 1961, p. 57). Complementa lembrando o leitor de que “compreendíamos, assim, que a única solução que nos restava era continuar apoiando os movimentos progressistas que visam a criar um mundo melhor e mais feliz” (NIEMEYER, 1961, p. 57). Sobre as rodovias que estavam sendo construídas, Niemeyer demonstra preocupação e a necessidade de realizar ações efetivas. Deveriam proteger “as terras que a ladeiam, de forma a impedir que os latifundiários ali se estabeleçam, para retê-las abandonadas por longos anos, à espera da valorização, ou que o interesse de lucro as transforme em loteamento e cidades-jardins, como em alguns pontos já se verifica” (NIEMEYER, 1961, p. 20). E complementa, afirmando que “as imagino já trabalhadas, cobertas de densa vegetação e o colono livre da exploração em que se debate – mais alegre e confiante – sentindo a terra generosa e a vida mais justa para todos” (NIEMEYER, 1960, p. 21).

Parte II / Brasília e o homem da rua

Os narradores anônimos

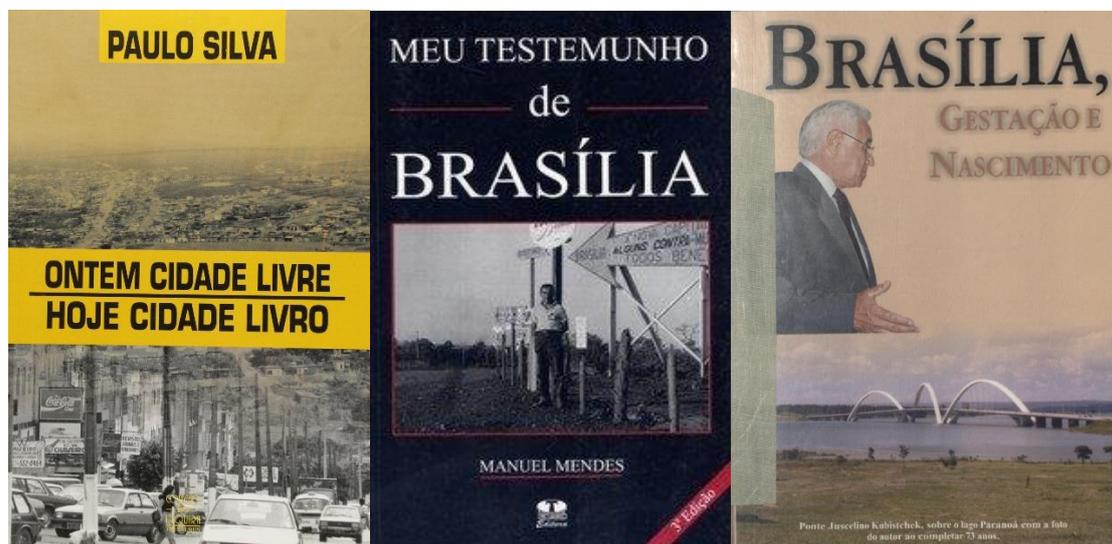
Os tópicos anteriores discutiram e apresentaram trabalhos sobre Brasília que tinham uma peculiaridade que não poderia ser ignorada: são, essencialmente, livros de personalidades próximas da Novacap, funcionários públicos de ‘alto escalão’. Interessante, e aqui seria o momento oportuno para um debate ampliado, é o levantamento de narradores “comuns”, ou seja, mulheres e homens desconhecidos, anônimos, sem biografia conhecida. É uma constatação definitiva, para além das celebridades que fizeram parte da história brasileira do século XX, que os narradores da nova capital não se limitam apenas às figuras amplamente conhecidas e vistas como centrais para a realização da transferência da cidade.

Os livros dos pioneiros anônimos são, em grande parte, publicados por pequenas casas editoriais. A análise dos exemplares mostra que as editoras desenvolveram peças de baixa qualidade editorial, que não deixam de chamar a atenção de olhares mais atentos: pequenas tiragens, em papel de baixa qualidade, design gráfico pouco atrativo, impressão grosseira, baixíssimo custo para as lombadas. São quase peças artesanalmente confeccionadas – e não seria surpreendente descobrir que de fato são –, e também não é de se admirar, pelas pequenas tiragens, como são desconhecidas do público leitor. Também chama a atenção a quantidade de edições feitas na cidade de Brasília, e a absoluta inexistência de publicações realizadas em outras centralidades brasileiras (como São Paulo e Rio de Janeiro), o que infere a ideia de que seus autores e organizadores são ou eram moradores da cidade até pelo menos a publicação do volume. Outra observação importante é com relação à Editora Thesaurus, uma pequena editora Brasiliense, existente até hoje e que se dedica à edição de livros em diferentes áreas do conhecimento. A Thesaurus editou boa parte desses livros – aliás, editou inúmeros volumes sobre a cidade – e tem como seu fundador um exilado da ditadura de Salazar que estabeleceu a vida na Nova Capital. Ou seja: ele mesmo, Victor Alegria, um pioneiro orgulhoso dela.

Entre exemplares que exemplificam a interpretação acima, pode-se dizer que *Crônica da cidade amada* (COTRIM, 1985), *Meu testemunho de Brasília* (MENDES, 1979), *Brasília, gestação e nascimento* (PINHO, 2004), *Como foi Brasília um dia* (TAMANINI, 2003), *Catálogo de depoimentos orais* (ARAUJO, 1994), *Brasília: memória da construção, documentário*



(TAMANINI, 2003) e *Mulheres pioneiras de Brasília* (BARNEY, 2001) e *Ontem Cidade Livre, hoje cidade livro* (SILVA, 2002) exemplificam bem a interpretação posta. Esses trabalhos são, em essência, relatos de pessoas que estiveram próximas à construção ou inauguração de Brasília, que nasceram em outros estados e se deslocaram para a nova cidade em busca de oportunidades de emprego e vida. Não são, como seria esperado, primorosas obras de redação e intelectualidade – o que, entretanto, não as deixa menos interessantes. São recorrentes as menções a Deus e a Brasília, e a fusão dos desejos divinos com as oportunidades da cidade permitiram, na visão desses narradores, que eles mudassem de vida. Paulo Silva (**FIGURA 4**), por exemplo, diz nos agradecimentos “Ao Senhor e Salvador Jesus Cristo pela vida” (SILVA, 2002, p. 7). E continua: “É como dar à luz um filho, escrever sobre uma cidade onde nem sonhava morar, conhecer ou fazer de nova casa” (SILVA, 2002, p. 11). Manuel Mendes (**FIGURA 5**), um dos homens que foram trabalhar na cidade, faz uma descrição detalhada de sua experiência na capital – quase um diário, o que torna o texto interessante em alguns trechos específicos. “Início este livro com uma data. Data que marcou uma passagem decisiva de minha vida” (MENDES, 1979, p. 21).

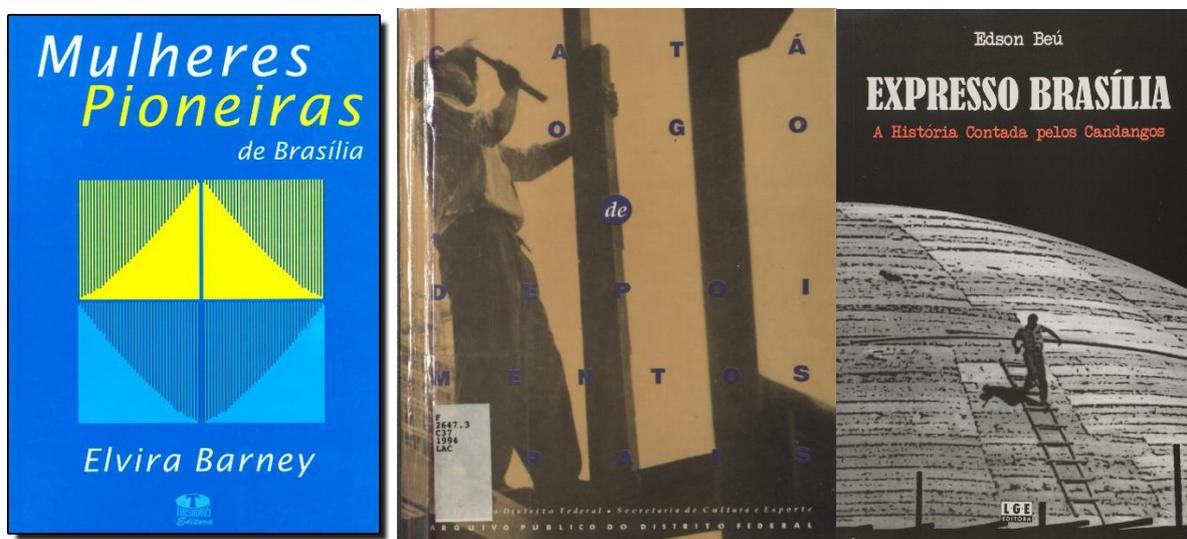


Figuras 4, 5 e 6: Capas das publicações de Paulo Silva, Manuel Mendes e Albuquerque Pinho.

Em um pequeno livro, um homem chamado Albuquerque Pinho (**FIGURA 6**) faz suas declarações e memórias. Em sua dedicatória, Pinho diz: “A todos os pioneiros que comigo, irmanados em busca do mesmo ideal, juntos na mesma batalha, aqui lutamos, pelo bem de todos os que para aqui vieram; pela grandeza e desenvolvimento do Brasil, não importando se em detrimento do nosso bem-estar e até de nossa saúde, que em muitos casos culminou com a morte, como foi o grande mártir desta epopeia, Bernardo Sayão” (PINHO, 2004, p. 6). Elvira Barney (**FIGURA 7**) organiza um livro apenas dedicado às mulheres que foram pioneiras em Brasília. Compila o depoimento de muitas mulheres, apresentando suas vidas, seus sofrimentos e suas experiências com a nova capital. “As pioneiras! Que trabalho mais justo, bonito, e oportuno! Faltavam, na história de Brasília, as páginas gloriosas escritas por essas pioneiras. Mulheres corajosas, desprendidas e heroicas, que aqui vieram enfrentar os primeiros dias do surgimento da maior obra de Juscelino Kubitschek. A mais moderna cidade do mundo, hoje patrimônio cultural da humanidade: Brasília, capital do Brasil” (BARNEY, 2001, p. 15). A publicação de Barney se aproxima, em grande medida, da denominada história



oral – visto que não trabalha com textos, mas relatos de mulheres. Outro livro semelhante, que também foi publicado em formato de relatos é o *Catálogo de depoimentos orais* (FIGURA 8). Segundo Heloisa Belloto, que redige um dos prefácios da edição, diz que “nos registros escritos acha-se toda sorte de dados, sejam os originados pelos atos governamentais que antecederam, acompanharam e sucederam o fato a ser analisado, sejam originados pelas atividades institucionais ou pessoas da iniciativa privada”, mas que “existem, porém, outras categorias de fontes que não as oficiais e não obrigatoriamente recolhidas aos arquivos públicos” (ARAUJO, 1994, p. 13). Daí a importância que os organizadores dão aos relatos de Brasília, considerando que apresentam outras faces da história da capital que não estariam presentes em arquivos públicos.



Figuras 7, 8 e 9: Capas das publicações de Elvira Barney, Bernardo Araújo e Edson Beú.

Em outro livro de memórias, Edson Beú (FIGURA 9) pretendia reconstruir “aspectos do dia a dia dos candangos na edificação da capital: cenas de rua e dos canteiros de obra, conversas informais, episódios de família, entre outros”. Era uma missão fazer “um registro da memória oral de velhos, negros, trabalhadores manuais, ou seja, das camadas da população excluídas dos textos ensinados na escola. Sem preocupações acadêmicas, descreve o cotidiano de um grupo de operários, evitando que se perdesse no emaranhado da história voltada para os grandes acontecimentos” (BEÚ, 2012, p. 12). Em um trecho onde já aparecem os relatos, descreve com precisão o impacto que a construção de Brasília teve para os habitantes de localidades centrais do Brasil: “Antes da inauguração de Brasília, a pouco mais de duzentos quilômetros dali, Paracatu parecia não fazer parte do mundo. Semanalmente e sob encomenda, O Estado de Minas chegava à Barbearia Zé Pires, na conhecida Rua Goiás, para uma meia dúzia de leitores ilustres, entre eles, o prefeito, o juiz de Direito e o gerente do Banco do Brasil. Os noticiários das emissoras de rádio não eram suficientes para deixar os habitantes a par de tudo o que acontecia além do sertão do Urucuia” (BEÚ, 2012, p. 28). Marcio Cotrim (FIGURA 10) também daria sua contribuição, publicando *Crônica da cidade amada* em meados dos anos 1980. Em algumas passagens, a atmosfera boêmia e de bairro dão o tom da publicação, como o que segue: “Sexta-feira, final de tarde. O sujeito sai do trabalho pensando no que vai fazer no fim de semana que começa. Talvez, à noite, sair com



os amigos, o barzinho de sempre, tremoços, chope, carne de sol. Em outro nível, o programa é beber uísque e bater papo degustando vinho alemão e os mais finos queijos, como o rigor da moda recomenda. Tudo por aqui mesmo” (COTRIM, 1985, p. 25). Com objetivos semelhantes, mas escrita significativamente diferente, é o livro de Fernando Tamanini (**FIGURA 11**). Em um momento do livro, diz: “Moro em Brasília desde a fundação da cidade. Meu primeiro pouso foi o acampamento de Vila Planalto, ali por trás do Palácio, num descampado revestido de matinho ralo, que descia gradualmente até o lago, cujo nível se havia estabilizado em cota inferior à prevista, por estar a barragem ainda em obra” (TAMANINI, 2003, p. 9). Em outra passagem, rememora um surto de hanseníase. “O surto de hanseníase assustou por algum tempo. A solução foi manter fechado o portão do acampamento e cortar o mais baixo dos arames da cerca, no local apropriado, permitindo dessa forma que as vasilhas alcançassem a torneira, empurradas sob os outros fios, sem que ninguém precisasse entrar pelo portão” (TAMANINI, 2003, p. 14). Impossível não identificar, em praticamente todas as passagens, uma relação afetiva com a cidade, com o “lugar”. Brasília sempre foi vista, pelos críticos, como uma cidade moderna, “fria”, sem vida de bairro ou atividades que são encontradas com maior frequência na dita “cidade tradicional”. Esses relatos pioneiros provam que essas análises estão distantes daqueles que decidiram escrever sobre essa experiência brasileira – de pessoas pouco interessadas nessas categorias interpretativas, já que Brasília foi um feito grande, para elas e para o país.



Figuras 10 e 11: Capas das publicações de Márcio Cotrim e Tamanini.

Referências

- AMADO, Jorge. **O cavaleiro da esperança**: vida de Luis Carlos Prestes. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- ARAÚJO, Bernardo Carvalho (supervisão). **Catálogo de depoimentos orais**. Brasília: Governo do Distrito Federal, 1994.
- BARNEY, Elvira. **Mulheres pioneiras de Brasília**. Brasília: Thesaurus, 2001.



BEÚ, Edson. **Expresso Brasília. A história contada pelos candangos.** Brasília: Editora da UnB, 2012.

CAVALCANTI, Lauro; GUIMARAENS, Dinah. **Arquitetura Kitsch: suburbana e rural.** Rio de Janeiro: Mec/Funarte, 1979.

COSTA, Lucio. **Brasília: cidade que inventei.** Brasília: s/e, 1991.

COTRIM, Márcio. **Crônica da cidade amada.** Brasília: Thesaurus, 1985.

FRENTE INTEGRALISTA BRASILEIRA. Disponível em:
<<http://www.integralismo.org.br/?cont=908&tx=20>> (acessado em 26/2/2019).

KATINSKY, Julio. XAVIER, Alberto. **Brasília: antologia crítica.** São Paulo: Cosac Naify, 2012.

KUBITSCHEK, Juscelino. **A Marcha do Amanhecer.** São Paulo: Bestseller, 1962.

KUBITSCHEK, Juscelino. **Cinquenta anos em Cinco.** Rio de Janeiro: Bloch, 1978.

KUBITSCHEK, Juscelino. **Diretrizes gerais do plano nacional de desenvolvimento.** Belo Horizonte: Nicolai, 1955.

KUBITSCHEK, Juscelino. **Industrialização: Batalha pela própria sobrevivência da nacionalidade.** São Paulo: Serviço de Publicações, 1957.

KUBITSCHEK, Juscelino. **Por que construí Brasília.** Rio de Janeiro: Bloch Edições, 1975.

LARA, Fernando Luiz. **The rise of popular modernist architecture in Brazil.** Miami: University of Florida, 2008.

LUZ, Clemente. **Invenção da cidade.** Brasília: Ebrasa, 1967.

MELLO, Eduardo Kneese. **Brasília: Histórias e Estórias.** São Paulo: Demais Editoração, 1992.

MENDES, Manuel. **Meu testemunho de Brasília.** Brasília: Horizonte Editorial, 1979.

NIEMEYER, Oscar. **Minha experiência em Brasília.** Rio de Janeiro: Vitória, 1961.

PINHO, Albuquerque. **Brasília, gestação e nascimento.** Brasília: Editora Gráfica Ipiranga, 2004.

SALGADO, Plínio. **Treze anos em Brasília.** São Paulo: Horizonte, 1973.

SILVA, Ernesto. **História de Brasília: um sonho, uma esperança, uma realidade.** Brasília, CDL, 1999.

SILVA, Paulo. **Ontem Cidade Livre. Hoje cidade livro.** Brasília: Thesaurus, 2002.

TAMANINI, L. Fernando. **Brasília: memória da construção.** Documentário. Brasília: Projecto Editorial, 2003.

TAMANINI, L. Fernando. **Como foi Brasília um dia.** Projecto Editorial, 2003.

VASCONCELOS, Adirson. **Os pioneiros da construção de Brasília.** Brasília, 1992.